

UMA LEITURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS PROFESSORES SOBRE O PODER PROFISSIONAL DOCENTE

Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa (UFRPE) – aparecidatcosta@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho pretende apresentar resultados obtidos com a pesquisa científica desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, cujo principal objetivo foi o de compreender as representações sociais dos professores dos cursos de licenciatura acerca do poder profissional docente, seus processos de construção e seus produtos. A pesquisa de natureza qualitativa apreendeu, por meio de entrevistas semiestruturadas e trabalhos com grupos focais, as representações sociais que se apresentaram distintas para os sujeitos pesquisados, e que puderam ser organizadas em três categorias: na primeira, os docentes investigados representam socialmente o poder profissional dos professores como uma ilusão, ou seja, algo inexistente. Na segunda categoria esse poder é socialmente representado como um alvo, uma meta em construção. E para o último grupo de professores a representação social do poder profissional docente organiza-se numa categoria denominada de evidência, dito de outra forma, esse poder existe e é constatado a partir das próprias características conceituais de poder profissional contido na literatura específica.

Palavras-chave: Representação Social; Poder; Profissão Docente; Formação Docente.

A READING OF SOCIAL REPRESENTATIONS OF TEACHERS ABOUT TEACHING PROFESSIONAL POWER

Abstract:

This work intends to present results from scientific research carried out in the Graduate Program in Sociology, Federal University of Pernambuco - UFPE, whose main objective was to understand the social representations of teachers in undergraduate teaching about professional power, construction processes and products. The qualitative research seized through semi-structured interviews and focus group work, social representations that are presented for different research subjects (which are identified by code), and that might be conventionalized organized into three categories: first, teachers represent social power of teachers as an illusion, or a nonentity. In the second category that power is socially represented as a target, *a target* under construction. And for the last group of teachers representing that power is organized in a category called *evidence*, in other words, this power exists and is found out from its conceptual characteristics of professional power contained in the literature.

Keywords: Social Representation; Power; Teaching Profession; Teacher Education.

Debates em Educação

A pesquisa científica, neste trabalho, trata de uma questão, no mínimo, polêmica que é o poder profissional docente, investigado, discutido e analisado num conturbado momento que realça um contexto social caracterizado por paradoxos e rupturas, haja vista a compreensão que se tem do capitalismo hoje, marcado pelas recentes crises mundiais.

As características desse momento são explicadas pelas distintas visões modernas e pós-modernas, que se desdobram e reverberam nos mais diversos setores sociais, onde se inclui o mundo do trabalho e, em particular, as profissões. Na turbulência do mundo atual, a constituição da força de trabalho se modifica, algumas profissões nascem, outras se transformam, muitas nem sequer chegam a ser reconhecidas. Os conselhos profissionais, assim como os sindicatos que foram criados e cresceram no mundo do emprego, são hoje desafiados a sobreviver no mundo do trabalho. Trata-se de mudanças significativas, nas quais se encontram, também, a profissão de professor, especialmente no caso em estudo: os docentes do ensino superior que formam professores que atuarão na educação básica.

Entretanto, nas análises sobre o fenômeno educacional, seja ele local ou global, a educação assume papel de destaque, sendo considerada, ainda, uma das principais determinantes de mobilidade social, embora se compreenda que o seu desenvolvimento e o seu resultado na população seja lento, e, por isso, preocupante, sobretudo em tempos de transformações tão velozes. Contudo, é certo que no mundo, e em especial no Brasil, a educação precisa assegurar a sua juventude um futuro de melhor qualidade de vida. A educação precisa capacitar as novas gerações com conhecimentos e atitudes que as façam evoluir com base no seu trabalho.

A partir da característica polêmica do tema “poder profissional docente”, apresenta-se o desafio de enfrentar tamanha complexidade social. Entretanto, a motivação para a consolidação do trabalho de pesquisa está em acreditar, sobretudo, na capacidade transformadora do homem, particularmente, dos professores dos cursos de licenciatura, que são capazes de fazer resistências às imposições contrárias ao processo formativo, específico, dos professores formadores da docência no ensino

Debates em Educação

superior e, conseqüentemente, construir processos formativos para os futuros professores da educação básica. Todos esses processos formativos e práticos deverão assegurar uma educação escolar, cuja qualidade possibilite a formação e a emancipação do cidadão.

Nesse sentido, este trabalho apresenta os resultados da investigação que apreendeu as representações sociais de professores de 13 (treze) cursos de licenciatura acerca do poder profissional docente, no contexto das práticas dos professores em instituições de ensino superior, públicas e privadas do Estado de Pernambuco.

O campo teórico e epistemológico que fundamenta esta pesquisa revela a sua natureza qualitativa, e essa natureza é constatada a partir da prática da pesquisa empírica utilizada e os processos sociais onde estão inseridos os professores pesquisados.

As profissões têm sido merecedoras de atenção, sobretudo no campo da Sociologia das Profissões, e a profissão de professor tem tomado posse de expressivo espaço nas pesquisas acadêmicas nos diversos campos do conhecimento. Devido ao campo multifacetado que é a profissão docente, fez-se um recorte quanto ao campo conceitual a ser pesquisado, ou seja, profissão, poder profissional, profissão de professor e poder profissional docente.

Por meio da Teoria das Representações Sociais (TRS), criada por Serge Moscovici (1961), os resultados desta pesquisa pretendeu apresentar uma compreensão de como os professores do ensino superior, formadores de professores, representam o poder de sua profissão e como essas representações repercutem em suas ações. Os fenômenos observáveis, como o poder profissional, encontram um confortável suporte na TRS, que tem se tornado um domínio de pesquisa constituído de conceitos e estratégias metodológicas próprias. A TRS tem comprovado, em meio século de pesquisas, a sua capacidade de romper com as dissociações entre o subjetivo e o objetivo, o coletivo e o individual, o sujeito e o objeto, dentre outros, dissociações, no entanto, necessárias para a compreensão do fenômeno estudado. Dessa forma, a TRS constitui a principal referência teórica para a investigação do problema desta

Debates em Educação

pesquisa, pois foi preciso uma imersão nessa teoria, para que os seus elementos constitutivos fossem reconhecidos durante a análise das manifestações discursivas feitas pelos sujeitos investigados.

Coerente com a natureza e os objetivos da pesquisa o caminho metodológico, é fundamentado e complementado por técnicas e instrumentos de investigação, que foram selecionados partindo-se do princípio de que o professor é um sujeito que interage, desenvolve o seu trabalho a partir de motivações e que sua prática realça as intenções da sua profissão. Sendo assim, esperava-se superar a inquietação de como aqueles professores formadores da docência pensam/pensaram e constroem/construíram conhecimentos sobre o poder da sua profissão e como lidam com esses conhecimentos no seu cotidiano profissional. Resulta daí, que para acessar as representações sociais dos professores foram utilizados, principalmente, a entrevista semiestruturada e o trabalho com grupos focais. Mas como complementaridade de algumas informações, também se utilizou o questionário, aplicado a professores e licenciandos, e a análise de documentos, tais como editais para concursos de professores do ensino superior e textos retirados da mídia de uma forma geral. Dessa forma, foi possível perceber a articulação entre a vida coletiva dos professores dos cursos de licenciatura e os processos de composição simbólica nos quais esses sujeitos sociais empreendem esforços para dar sentido à sua tarefa de professor formador no ensino superior.

A passagem da metodologia de coleta à metodologia de análise dos dados obtidos se deu por meio de categorizações das informações, que, conseqüentemente, conduziu a diversas leituras do problema em estudo. É como uma rede de relações de parentesco interconectadas das informações obtidas.

Na sequência do empreendimento de análise, foi-se em busca das manifestações discursivas em que seriam investigados o conteúdo e a estrutura das representações sociais. Na organização e desenvolvimento do processo metodológico, surgiram os sentidos relacionados diretamente ao objeto de estudo, mas emergiram outros como: fragmentos das histórias de vida dos professores entrevistados, descrição do percurso de formação e práticas profissionais, relações construídas com

Debates em Educação

os colegas professores dos cursos de licenciatura. Os sentidos expressos foram destacados e analisados e, posteriormente, considerados aqueles que estavam na direção das representações sociais que se desejava conhecer.

Na análise das representações sociais dos professores dos cursos de licenciatura pesquisados foram identificados fatores que impulsionam os processos de construção das representações, assim como o produto das representações que se encontra em mutação. Foi possível perceber, também, a presença e o movimento dos elementos que compõem o objeto social 'Poder Profissional' nas representações sociais reveladas pelos professores participantes da pesquisa. A busca pelas representações sociais possibilitou entender outros aspectos da profissão docente, tais como: a formação, a prática e as relações de poder, que estiveram presentes nos processos de construção e no produto dessas representações.

As representações sociais apreendidas, atinente ao poder profissional docente, são fenômenos complexos que são ativados e permanecem em ação no cotidiano social. Portanto, essas representações sociais apresentam uma riqueza de componentes: ideológicos, cognitivos, informativos, valorativos, atitudinais, instrucionais, imagéticos. Mas esses componentes são organizados sob a forma de um saber prático que declara algo sobre o estado da realidade, ou seja, do poder profissional docente.

Assim, as representações sociais compreendidas, como um saber prático, conectam o sujeito, professor formador da docência, ao objeto social, poder profissional docente e, desse modo, as relações entre os professores, entre os professores e os licenciandos, entre as instituições formadoras da docência no ensino superior, enfim, todas as relações circularão em torno dessa conexão, conferindo dimensões e alcances variados.

Como as representações foram transmitidas por meio da linguagem, elas se configuram em dados empíricos, pois como explica Bock (1995, p.282), "as representações sociais permitem o conhecimento concreto da consciência, pois são expressões dos seus conteúdos". Porém, como os dados empíricos não são

Debates em Educação

autossuficientes, a tarefa de análise exige rigor, sobretudo numa pesquisa de natureza qualitativa, que depende de formas de comunicação particulares para responder ao problema em estudo se apoiando nas informações cedidas.

A partir da análise das informações prestadas pelos sujeitos da pesquisa, pode-se afirmar que, num dado momento, o poder profissional do professor formador de professores no ensino superior caracterizou uma situação não familiar para esses sujeitos. Mas tornar esse estranho em familiar foi a forma que os professores encontraram para construir as suas representações sobre o poder profissional docente, tal como, aliás, é anotado por Moscovici (1961, 1969, 1976, 1978, 1984, 1988, 2001, 2003, 2005), Jodelet (2001, 2005), Abric (1994, 1998, 2001), Doise (2001) e outros estudiosos da TRS.

Os professores, sujeitos desta pesquisa, apresentaram distintas representações sociais sobre o poder profissional docente. Isso porque, segundo Abric (2001, p.156), a representação “é determinada ao mesmo tempo pelo próprio sujeito (sua história, sua vivência), pelo sistema social e ideológico no qual ele está inserido e pela natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social”. Desse modo, as diferentes representações dos professores são determinadas: pela “geração pedagógica¹”, à qual pertencem, por sua formação escolar e acadêmica, por suas experiências pessoais e profissionais e pelo contexto social, cultural e político no qual estão inseridos.

Para melhor organização das representações sociais dos professores, fez-se necessário considerar as funções dessas representações que, para Moscovici (2003, p. 34), são as de convencionalizar e de prescrever. Dessa forma, neste trabalho, foram utilizadas as convenções: **Ilusão, Alvo e Evidência**. O poder profissional representado socialmente como **ilusão** corresponde às representações dos docentes que desacreditam no poder profissional dos professores dos cursos de licenciatura. Para os sujeitos que creem na existência desse poder e acham que os professores formadores poderiam/deveriam possuí-lo, o poder profissional docente é socialmente representado como um **alvo**, uma meta, cujas etapas para essa conquista estariam em construção. E, para os sujeitos pesquisados, que acreditam que os professores

¹ WEBER, Silke. O professorado e o papel da educação na sociedade. Campinas: Papyrus, 1996.

Debates em Educação

formadores de professores, no ensino superior, detêm e utilizam um poder profissional, a representação social se constitui numa **evidência**, quer dizer: essa representação comprova-se nas declarações de fatos, episódios que objetivam esse poder.

Segundo Moscovici (2003, p.34), as representações sociais ao convencionalizarem objetos, pessoas ou acontecimentos “lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas”. As convenções, aqui apresentadas, que se originaram do processo de pesquisa, mostram como afirma o autor da Teoria das Representações Sociais que,

Cada experiência é somada a uma realidade predeterminada por convenções, que claramente define suas fronteiras, distingue mensagens significantes de mensagens não-significantes e que liga cada parte a um todo e coloca cada pessoa em uma categoria distinta (MOSCOVICI, 2003, p.34).

As representações sociais dos professores pesquisados foram localizadas em três grupos que desenvolveram formas particulares para estruturarem as suas representações sociais acerca do poder profissional.

1 - O poder profissional docente representado socialmente como *Ilusão*

A **ilusão**, neste trabalho, refere-se à representação social dos sujeitos pesquisados que não acreditam no poder profissional dos professores dos cursos de licenciatura.

Para Chasseguet-Smirgel (1986, p.172), a “ilusão é a busca compulsiva de um estado ideal de coisas que se apresentam numa tendência avassaladora de anulação das diferenças e negação do conflito”. A similitude do pensamento deste autor com as representações sociais dos professores, sobre o poder profissional docente, como **ilusão** é perceptível, na medida em que esse poder é compreendido como esse “estado ideal”, que pode anular com as diferenças entre os docentes possuidores

Debates em Educação

desse poder e àqueles que, ainda que dentro dos mesmos cursos, sentem-se destituídos de tal poder. E, ainda, negar os conflitos que esse “estado ideal” impõe. É na voz dos professores que essas questões são reveladas.

Na sua entrevista, o professor do curso de licenciatura em História de uma universidade pública, que integra a primeira “geração pedagógica”, diz que é difícil falar em poder profissional docente, quando, primeiramente, é discutível até mesmo a existência da profissão de professor, considerando a dispersão da atividade docente.

Tem o que vive vinte horas nisso, dez horas e o resto do tempo vive outra coisa. E o outro vive quarenta horas na docência. É muito complexa essa postura. É uma rede de fios grossos e finos, espaços largos e estreitos. (...) Por isso que é difícil pensar numa profissão. Que profissão é essa? (1MHP).

O questionamento do professor pode ser, também, entendido como uma denúncia à falta de reconhecimento da profissão de professor. É possível compreender que a flexibilidade da dedicação à docência pelos formadores de professores no ensino superior provoque nesse professor, certo descrédito quanto à existência da profissão docente. Sendo polêmica a definição de profissão, conseqüentemente, a definição da profissão de professor não fica imune. Contudo, é importante considerar outros elementos que constituem o conceito de profissão. Segundo Freidson (1998, pp. 3-4),

As profissões, enquanto ocupações reconhecidas oficialmente, se distinguem em virtude de sua posição relativamente elevada nas classificações da força de trabalho. Em parte, isso se deve às aspirações ou origens de classe de seus membros, mas ainda mais importante é o tipo de conhecimento e de habilidade vistos como requisitos para seu trabalho.

A questão da profissão é, também, preocupação desse professor do curso de licenciatura em Matemática de uma IES privada, que alerta para o fato da profissão de professor ser uma profissão de “bico” para alguns profissionais.

A rede pública estadual e municipal contribui com isso. Em qualquer parte do Estado você encontra engenheiros dando aulas, contratado, ganhando um salário pequeno porque está desempregado. É como

Debates em Educação

se a profissão de professor fosse bico. E eu vejo isso com muito medo, porque o ensino é uma coisa de muita responsabilidade. E quando passa a ser bico, não há compromisso (2MMPR).

Ao realçar a questão da substituição do professor, esse sujeito questiona a legitimidade da profissão docente, ao referir-se a uma situação percebida na educação básica. Porém, como se pode constatar em outras declarações, essa situação é percebida, também, no ensino superior e nos cursos de licenciatura. Sendo assim, como pensar em poder profissional docente, se não há o reconhecimento da profissão de professor? A resposta a essa pergunta pode ser auxiliada pela compreensão do termo 'profissão' expressa por Tardif e Lessard (2005, p.27):

Um grupo de trabalhadores que conseguiu controlar (mais ou menos completamente, mas nunca totalmente) seu próprio campo de trabalho e o acesso a ele por meio de uma formação superior, e que possui uma certa autoridade sobre a execução de suas tarefas e os conhecimentos necessários à sua realização.

Por conseguinte, é possível deduzir que o controle do trabalho docente, necessariamente, não é completo, todavia o controle precisa existir a partir dos próprios formadores de professores no ensino superior. Quanto à questão do reconhecimento profissional, decerto que ele existe, se considerado o aspecto legal, a oficialização da profissão por meio de certificação, pois a formalização assegura padrões de referência para contratação e para as relações entre os profissionais.

Essa intromissão de outros profissionais nas salas de aula, possivelmente, reflete a ausência, ou o desrespeito, do território profissional dos professores. É o que Freidson (1996, p. 5) chama de "reserva de mercado de trabalho", ou seja,

A reserva é assegurada pela exigência de que somente aqueles com credencial ocupacionalmente emitida, certificando sua competência, possam ser empregados para executar uma série definida de tarefas, como cortar um corpo, ensinar a estudantes universitários, representar um cliente num tribunal e certificar a exatidão de uma declaração formal de ativos e passivos financeiros.

Debates em Educação

Representando socialmente o poder profissional docente como uma **ilusão**, um engano, a professora do curso de Pedagogia de uma faculdade privada, que faz parte da segunda geração pedagógica, cujo depoimento encontra-se abaixo, diz inexistir o reconhecimento profissional, a valorização profissional e o respeito ao professor dos cursos de licenciatura, o que para ela são os componentes do poder profissional docente.

Esse reconhecimento, esse poder, onde ele (o professor formador) possa fazer diferença até na área do outro, eu não vejo. (*pausa*). E quem vê, eu acho que está enganado. Eu lamento se for uma visão reducionista minha, eu vejo com mais facilidade outras profissões, tendo esse referencial, tendo esse respeito, esse poder, em relação à própria sociedade (2FPPR).

A professora desacredita do poder profissional do docente do ensino superior que forma professores, a partir da comparação que faz com outras profissões. Possivelmente, ela sente a necessidade de uma especialização, algo como ela própria diz que 'faça a diferença'. Algo que torne efetiva a profissão de professor do ensino superior formador de professores, e que ao tempo em que a distingue das ocupações e dos ofícios, confira-lhe a condição de contribuir com outros profissionais das diversas áreas, e isso seria demonstração de poder profissional.

A organização do trabalho prevê, também, a constituição de uma reserva do mercado de trabalho. Essa reserva precisa ser compreendida e controlada pelos professores formadores da docência, mas é exatamente o que não acontece, segundo a professora de uma universidade pública que integra a segunda geração pedagógica, e que explica:

Um exemplo: se vai haver um concurso público para um professor de Educação da Química, quem será contratado? Tem que ser doutor! (...) Como é muito difícil achar um Doutor em Educação da Química, então (...) sai o edital com simplesmente o doutor em Química. E ele entra para trabalhar em educação, a Química pura. Então, se o professor está trabalhando com disciplinas pedagógicas para os alunos de licenciatura em Química, esses alunos vão perder aquela discussão do saber educacional, saber educativo para o professor que ensinará Química. Serão reforçados mais uma vez o conteúdo da

Debates em Educação

Química especificamente. Não que esse conteúdo não seja importante, mas a discussão aqui é a formação do professor (2FCBP).

Na declaração da professora, é possível reconhecer a tensão existente entre o universo reificado e o universo consensual. No primeiro, Moscovici (2003, p.50) esclarece que a sociedade é tida como um “sistema de entidades sólidas” que, além de invariáveis, não leva em conta a individualidade, sendo assim destituídas de identidade. Para o autor, esta “sociedade ignora a si mesma e as suas criações, que ela vê somente como objetos isolados, tais como pessoas, ideias, ambientes e atividades”. O universo reificado, no caso revelado pela professora, corresponde à autoridade que impõe um determinado profissional para integrar o corpo docente dos cursos de licenciatura. Essa imposição contraria o universo consensual que aponta para outro tipo de profissional, cujo perfil se assenta no pensamento e nas experiências dos professores formadores de professores no ensino superior, que estão comprometidos com a formação dos professores do ensino básico.

Pode-se considerar a representação social do poder profissional docente como **ilusão**, segundo as declarações dos sujeitos pesquisados: pela inconsistência mesma da profissão de professor, ou não reconhecimento profissional; pela não identificação de alguns docentes com a profissão de professor formador da docência; pela ausência de um território profissional exclusivo desse professor; pelo não reconhecimento social da profissão de professor; pela ausência de conhecimentos específicos desse profissional, que poderiam ser conseguidos por meio da pesquisa (essa ausência de pesquisa foi referida pelos professores das IES particulares); pela não valorização da profissão docente pelos licenciandos.

2 - O poder profissional representado socialmente como Alvo

De acordo com alguns sujeitos desta pesquisa, a desorganização da categoria dos professores formadores da docência impede que o poder profissional possuído por alguns professores e em construção por outros, se efetive. A professora, a seguir, acredita no poder profissional dos professores que formam professores no ensino

Debates em Educação

superior, contudo esse poder que já existe em outras profissões, ainda, estaria em construção pelos docentes formadores de professores, por essa razão ela afirma:

Eu acho que ainda não (*risos*). (...) A gente está na conquista desse poder. (...) Está se tentando construir um pouco dessa consciência, criando essa identidade, porque eu acho que o poder a gente pode construir, acho que também não é aquela classe fragilizada. A partir do momento em que as questões vão sendo revistas, o professor vai ter mais poder de decisão (2FQP).

Fazendo uma relação entre as finalidades dos cursos de licenciatura e os resultados da educação escolar, a professora, cujo pronunciamento encontra-se em seguida, e que há quinze anos atua na formação de professores no ensino superior, acredita no poder profissional do docente dos cursos de licenciatura, mas não reconhece esse poder em todos os professores desses cursos.

Eu acho que ele pode ter! Se ele se articula com a área dele, então, por exemplo, no meu caso e de alguns dos professores daqui. A gente tem uma articulação direta com a Secretaria de Educação. Então, a gente participa desse novo currículo que está sendo lançado nas escolas, (...) a gente participou na discussão com os professores da rede, nas capacitações da formação continuada (1FFP).

Essa professora dos cursos de licenciatura em Física e em Pedagogia considera a existência do poder profissional do professor, a partir da articulação dos professores formadores entre si e do movimento dessa categoria profissional em direção à escola de educação básica, lugar por excelência onde são acolhidos os professores licenciados. Mas nem essa articulação, nem esse movimento integram todos os professores formadores da docência no ensino superior. O poder profissional do professor formador está configurado, também, no peso desse poder, ou seja, na presença desse professor nos processos decisórios da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, como ilustrou a professora.

Ainda, nesse último depoimento, a professora destaca o caráter heterogêneo das profissões, o que lembra a advertência de Freidson (1998, pp. 70-71) sobre os membros de uma profissão, pois, segundo o autor, eles se diferenciam:

Debates em Educação

Por segmentos e especialidades concretas, por circunstâncias diferentes de prática, por seus papéis de profissional comum, professor, pesquisador e administrador, e por sua relativa proeminência como líderes culturais, políticos e intelectuais dentro da profissão e no mundo leigo exterior.

Pode-se deduzir, portanto, que se os sujeitos de qualquer profissão não compõem um grupo consensual em todos os seus aspectos, com o conjunto dos professores dos cursos de licenciatura não seria diferente.

Para a professora que fala a seguir, o poder profissional docente existe, mas a imagem caótica da educação escolar se transforma em pressões, que não permitem que esse poder se manifeste. Os baixos resultados da educação escolar, publicados, comentados aos quatro cantos, no entender dessa professora, reverberam na imagem dos cursos de formação de professores no ensino superior e, conseqüentemente, na imagem do professor formador.

O professor é visto como um profissional que não consegue desempenhar a sua função porque não está formado devidamente, porque o que é estampado são resultados da nossa educação. Resultados caóticos! Quando se é professor universitário há um pouco mais de respeito, mas basta o sujeito sair da universidade e não arranjar logo um emprego, que já se pensa que educação não vale nada, e com isso sobra para o professor. Talvez pela representação financeira (*risos*) (2FCBP).

Na seqüência, para o professor do curso de licenciatura em Geografia de uma universidade pública e de uma faculdade privada, o professor formador precisa ter claro que participa do processo de formação dos professores que trabalharão com a educação básica, por isso mesmo esse professor formador:

Precisa ter uma experiência como professor do ensino fundamental e ensino médio. Acho que é importante até para ele tentar, por meio dessa experiência, compreender determinados procedimentos de ensino, o cotidiano escolar e extraescolar, para tentar aproximar o seu aluno (*licenciando*) da realidade da sala de aula (2MGPR).

Debates em Educação

O **alvo** corresponde à representação social dos participantes da pesquisa que creem na existência do poder profissional docente, que para eles se encontra em construção, e defendem que o profissional professor deveria atingir esse poder. O poder profissional docente é, ainda, representado como um **alvo**, uma meta, na medida em que esse poder só existe para alguns professores formadores e não para essa categoria profissional; a identidade de professor formador de professores no ensino superior estaria num processo de construção; os insuficientes resultados da educação escolar, que refletem, também, a formação dos professores da educação básica, geram desconfiança na função dos cursos de licenciatura, reverberando no reconhecimento profissional desses professores. Esses resultados estariam, para os professores pesquisados, num processo de mudança.

3 - O poder profissional representado socialmente como Evidência

O poder profissional docente enquanto **evidência** coloca-se em oposição às duas convenções anteriores, sobretudo à primeira, a **ilusão**.

A declaração, a seguir, de um professor de Filosofia de diversos cursos de licenciatura, de uma universidade pública, que pertence à primeira geração pedagógica, assegura ser a docência nos cursos de licenciatura possuidora de poder profissional, a partir de importantes elementos desse poder:

Eu acho que pertencer a uma profissão já é uma forma de poder. Simbólico, sem dúvida! Você faz parte de um grupo de pessoas que passou por uma seleção, um recrutamento, uma certificação profissional, uma aprovação e recebeu no final um diploma que lhe permite, não somente exercer uma profissão, que nem todos podem fazer, ganhar dinheiro, sustentar sua vida e fazer discursos específicos dentro de sua área, que não serão discursos dirigidos a qualquer pessoa. Portanto, não é qualquer um que pode fazer discurso a qualquer pessoa, discurso pedagógico tem um público específico que ele atinge, tem um interlocutor específico que ele atinge (1MFP).

A identificação dos elementos que compõem o poder profissional docente como: controle do seu trabalho, certificação profissional, discurso específico, local

Debates em Educação

específico para professar o discurso e a localização específica da audiência, que depende desse discurso sinalizado pelo autor da declaração acima, revela a representação social do poder profissional docente como **evidência**.

É com base no conhecimento que o professor, cujo parecer se encontra abaixo, do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, e que faz parte da primeira geração pedagógica, realça a existência do poder profissional docente:

Eu diria que é um dos profissionais, se ele souber se impor, de um dos maiores poderes que existe na sociedade, talvez mais que um Deputado, um Senador. (...) Se a gente exerce o papel de professor universitário pleno, que faz pesquisa, extensão e publica, orienta em todos os níveis de graduação, mestrado, doutorado, toda essa rede de coisa expressa um poder (1MCBP).

A forma como o professor, cuja declaração acaba de ser lida, faz lembrar as palavras de Weber (2004, p. 20), quando assumiu a posição de professor titular numa universidade alemã: “Não me consta existir, em todo o mundo, carreira em relação à qual o seu papel seja mais importante”.

O professor do último pronunciamento atribui ao conhecimento, acumulado e produzido pelo docente, a evidência do poder profissional que ele detém, aproximando-se, assim, do pensamento de Freidson (1986, p. 1-2), para quem “conhecimento é poder”, e alerta para o fato de que as pessoas não têm o mesmo corpo de conhecimento e, que o conhecimento especializado só é disponibilizado para alguns.

Validando a representação social expressa pelo professor acima, a professora do curso de licenciatura em Letras de uma faculdade pública diz que o professor que forma os professores no ensino superior “tem o poder que é conferido a quem tem o saber”, assim nem todos os professores têm esse poder, mas poderiam tê-lo. E esse poder é reconhecido, principalmente, pelos licenciandos ou licenciados, que buscam os professores que detêm saberes específicos.

Por que é que os alunos procuram a gente quando é lançada uma bolsa de monitoria? Quando você está na Pós-Graduação e alguém

Debates em Educação

quer ser seu orientando? Eu acho que é um pouco em busca das respostas que você tem para aquilo que é uma questão, também, para o aluno. (...) Alguns já vêm com uma indicação, uma preferência, um campo temático, campo definido. (1FLP).

A descrição dessa professora sobre o poder profissional docente mostra que o exercício de representar socialmente um objeto, não é um processo passivo, mas, como informa Leme (1995, 48), é um “processo ativo, uma reconstrução do dado em um contexto de valores, reações, regras e associações”.

A professora do curso de Pedagogia de uma universidade pública explica, com expressiva segurança, o que para ela são esses saberes específicos que os professores dos cursos de licenciatura detêm. Segundo a professora, “os saberes da profissão de professores, que formam professores, estão implicados com os saberes da educação básica e com os saberes sobre esses saberes, que é o campo teórico”. Enquanto muitos depoentes acreditam numa ascensão dos cursos de bacharelado sobre os cursos de licenciatura, essa professora procura desmistificar essa crença dizendo que “os saberes são importantes para o bacharelado e para a licenciatura”, contudo como ilustração essa formadora de professores afirma que,

O conhecimento histórico, por exemplo, é importante, com certeza, para o bacharel, como é importante para o licenciado. Mas o licenciado vai ter de saber mais coisas. Ele precisa saber como se ensina História e como se ensina História para a educação básica. E esse é um grande desafio (1FPP).

Essa professora esclarece, ainda, que “o conhecimento específico e exclusivo do professor é o conhecimento pedagógico, que se encontra nas teorias da aprendizagem”, e nas várias ciências como “a Psicologia, a Antropologia”. Essas firmes declarações se relacionam com a questão da identidade profissional do professor formador, pois como explica Andrade (1998, p.144), a identidade tem um papel decodificador face ao discurso, que “é diretamente vinculado à especificidade da Representação Social enquanto forma de conhecimento”. Para essa entrevistada, que integra a primeira geração pedagógica, o professor formador de

Debates em Educação

professores se ocupa de, teórica e fundamentadamente, ensinar os futuros professores da educação básica a ensinar.

Enquanto **evidência**, o poder profissional docente é demonstrado a partir: do conhecimento que é produzido pelos professores formadores da docência; da autonomia dos professores formadores; do reconhecimento profissional e social do professor; do poder do professor sobre os alunos; da influência do trabalho docente sobre as políticas públicas, que reflete a valorização desse profissional; do exercício dos docentes formadores de professores (prática pedagógica); dos resultados do trabalho escolar que, de alguma forma, são, também, consequência, dos cursos de licenciatura; de atividades, fatos, e outros. Porém, importa lembrar que essas situações que evidenciam o poder profissional docente não estão isoladas ou numa disposição hierárquica, ao contrário, estão articuladas entre si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao representarem socialmente o poder profissional docente como **ilusão, alvo e evidência**, os professores dos cursos de licenciatura, sujeitos desta pesquisa, reafirmam o pensamento de Moscovici (2003, p. 62), de que “representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes”. Assim, um objeto social ao ser representado é retirado do anonimato, ou dito como o autor: “o que é anônimo, o que não pode ser nomeado, não se pode tornar uma imagem comunicável ou ser facilmente ligado a outras imagens”. Esse é o processo de ancorar, que torna o desconhecido em familiar. Mas as representações sociais são geradas, como já visto, por dois processos: o de ancoragem e o de objetivação. Desse modo, o criador da TRS afirma que a “objetivação une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade” (p.71). Portanto, as representações sociais, aqui convencionalizadas de **ilusão, alvo e evidência** são as imagens que foram classificadas pelos sujeitos da pesquisa. Segundo o argumento de Moscovici (2003, p. 72):

As imagens que foram selecionadas, devido a sua capacidade de ser representadas, se mesclam, ou melhor, são integradas no que eu

Debates em Educação

chamei de um padrão de núcleo figurativo, um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias.

As profissões são atreladas a processos políticos formais, como afirma Freidson (1998, p. 104) é o poder governamental que confere à “profissão o direito exclusivo de usar ou avaliar certo corpo de conhecimento e competência”. É possível concluir, a partir das representações sociais dos professores dos cursos de licenciatura, que a manutenção, o aperfeiçoamento, o avanço, a posição da profissão no mercado, bem como as questões de licenciamento, demandam uma permanente atividade política dos docentes. Sendo assim, é pertinente o alerta feito por Enguita (1991, p.42) sobre a autonomia do profissional, pois “o fato de que a lei lhes delimite um campo e defina algumas de suas normas de funcionamento não expressa sua sujeição ao poder público, mas antes sua influência sobre ele”.

Referências

ABRIC, Jean-Claude. Les representations sociales: aspects théoriques. In **Pratiques sociales et représentations**. Paris : Presses Universitaires de France, 1994.

_____. A abordagem estrutural das representações sociais. In. Antonia S. P. Moreira e Denize C. de. Oliveira. (orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia : AB, 1998.

_____. O estudo experimental das representações sociais. In. Denise Jodelet (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2001.

ANDRADE, M^a. Antônia A. de. A identidade como representação e a representação da identidade. In. Antonia S. P. Moreira e Denize C. de. Oliveira.(orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia : AB, 1998.

BOCK, Ana Mercês B. Eu caçador de mim: pensando a profissão de psicólogo. In. Mary J. Spink (org.) 1995. **O Conhecimento no Cotidiano: As Representações Sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo : Brasiliense, 1995.

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. Sexuality and the mind. The role of the father and the mother in the psyche. New York: New York Press. In. Cláudia Amorin Garcia. O conceito

Debates em Educação

de ilusão em psicanálise: estado ideal ou espaço potencial? **Estudos de Psicologia**, 2007, 12 (2), 169-175. 1986.

DOISE, Willem. Atitudes e representações sociais. In. Denise Jodelet (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2001.

ENGUITA, Mariano F. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, vol.4, pp. 41-61, 1991.

FREIDSON, Eliot. **Professional Powers: a study of the Institutionalization of Formal Knowledge**. Chicago : The University of Chicago Press, 1986.

_____. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, (31): 141-155, 1996.

_____. **Renascimento do Profissionalismo: Teoria, Profecia e Política**. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In. Denise Jodelet. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2001.

_____. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis : Vozes, 2005.

LEME, Maria Alice da S. O impacto da teoria das Representações Sociais. In. Mary J. Spink. (org.). **O Conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo : Brasiliense, 1995.

MOSCOVICI, Serge. **La psychanalyse son image et son public**. Paris: Press Universitaire de France, 1961.

_____. Préface. In. C. Herzlich, Santé et maladie. Paris: Mouton. In: Jean-Claude Abric. A abordagem estrutural das representações sociais. In. Antonia Silva M. e Denize C. de Oliveira. (orgs.) (1998). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia : AB, 1969.

_____. **Social Influence and Social Change**. London : Academic Press, 1976.

_____. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

_____. **The myth of the lonely paradigm: a rejoinder**. Social Research, 51(4):939-67, 1984.

_____. Notes towards a description of Social Representations. European Journal of Social Psychology. In. Mary Jane Spink. (org.). (1995b), **O Conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Debates em Educação

_____. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In. Denise Jodelet (org.). (2001). **As representações sociais**. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2001.

_____. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Prefácio. In. Denise Jodelet (2005). **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis : Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ, Vozes, 2005.

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2004.

WEBER, Silke. **O professorado e o papel da educação na sociedade**. Campinas: Papyrus, 1996.